

A LITERATURA NA ESCOLA: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO PENSAMENTO DE ANTONIO CANDIDO

Manoel Freire *
Adelannia Dantas **

Resumo: A Literatura cumpre funções específicas na vida do homem, agindo direta ou indiretamente na sua formação intelectual, considerando aspectos tanto psicológicos quanto sociais. Nos ensaios “A literatura e a formação do homem” (1999) e “O direito à literatura” (2004), Antonio Candido afirma que a Literatura está ligada à formação do homem em todos os seus níveis. Partindo da função social abordada pelo estudioso, o presente trabalho tem por objetivo propor uma discussão sobre as proposições apresentadas por Candido em relação ao contato do indivíduo com a literatura, considerando a contribuição desta para a formação social do sujeito. Propõe-se aqui um estudo de caráter qualitativo, levando em consideração as particularidades presentes no sistema de ensino e as possíveis contribuições de Antonio Candido para o ensino de literatura.

Palavras-Chave: Antonio Candido. Formação social. Ensino de Literatura.

LITERATURE IN SCHOOL: AN APPROACH FROM THE THOUGHT OF ANTONIO CANDIDO

Abstract: Literature fulfills specific functions in the life of man, acting directly or indirectly in his intellectual formation, considering both psychological and social aspects. In the essays "Literature and the formation of man" (1999) and "The right to literature" (2004), Antonio Candido affirms that Literature is linked to the formation of man at all levels. Based on the social function addressed by the scholar, the present work aims to discuss the propositions presented by Candido in relation to the contact of the individual with the literature, considering the contribution of this to the social formation of the subject. It is proposed here a qualitative study, taking into account the particularities present in the educational system and the possible contributions of Antonio Candido for the teaching of literature.

Keywords: Antonio Candido. Social formation. Literature teaching.

Introdução

Sociólogo e crítico literário, professor universitário aposentado, Antônio Candido produziu uma vasta obra, com dezenas de livros publicados, em que aborda várias reflexões sobre a sociedade brasileira, principalmente sobre literatura e cultura, além de escritos sobre temas voltados para a educação. Seus textos críticos nortearam o caminho da crítica literária no Brasil, além de influenciar estudiosos e professores de literatura há anos, contribuindo também nas várias áreas de estudo, desde a Sociologia até a Literatura Comparada.

Tomando como foco os estudos de Candido voltados para problemática da educação, este artigo demonstrará como as proposições apresentadas pelo crítico em relação ao contato do indivíduo com a literatura contribuem para a formação social do sujeito. Propõe-se apresentar também apontamentos sobre

a literatura na proposta curricular da educação básica (ensino médio), considerando o grau de relevância dada à literatura. Salienta-se que a proposta curricular é utilizada nesta pesquisa como exemplo acerca da abordagem da literatura feita dentro da educação básica.

Através desse prisma é que se analisará as reflexões de Candido acerca da importância da literatura na escola como agente humanizador, exercendo assim sua função social na vida do indivíduo. Seus ensaios “A literatura e a formação do homem” (1999) e “O direito à literatura” (2004) são o ponto de partida para a presente discussão. No primeiro ele demonstra a função da literatura como agente formador do homem, e no segundo argumenta que a literatura deveria ser entendida como um direito básico do ser humano.

O trabalho aqui exposto justifica-se pela importância assumida no estudo da obra de Antonio Candido, pois seus pressupostos assumiram um papel de grande importância dentro dos estudos literários, definindo as bases de uma das vertentes fundamentais da crítica literária brasileira, além da ampliação das formas de abordagem da literatura e sua relação com a sociedade.

A literatura e sua função na sociedade

Antonio Candido possui a habilidade de abordar em seus textos temas complexos de forma clara, e consegue no decorrer da apresentação expandir o assunto, abrangendo as diversas áreas do conhecimento, sem necessariamente focá-las. A construção do elo Literatura – Educação é feita pelo crítico com esmero, percebe-se que possui um vasto conhecimento para a concretização dessa junção, apresentando uma sensibilidade necessária no momento de construção de suas reflexões.

“A literatura e a formação do homem” é um ensaio apresentado como conferência da XXIV Reunião Anual da SBPC (São Paulo), no ano de 1972, e depois publicado em revista. Neste ensaio Candido analisa a função humanizadora da literatura e o papel das obras literárias na sociedade. Inicialmente propõe que o termo “função” vive uma crise perante a “estrutura” nos estudos modernos literários, pois o enfoque está na estrutura devido possuir um teor mais científico. O autor afirma que a estrutura:

[...] pode ser comparativamente mais estático [...], que evocaria certas noções em cadeia, de cunho mais dinâmico, como: atuação, processo, sucessão, história. Evocaria a ideia de pertinência e de adequação à finalidade; e daí bastaria um passo para chegar à ideia de valor, posta entre parênteses pelas tendências estruturalistas. (CANDIDO, 1999, p. 81).

Dessa forma, o enfoque estrutural gerado com a corrente estruturalista, se inclina em observar os recursos que compõem a obra literária com uma visão mais generalizada e centrada em um contexto de modelos. Já a função, como afirma Candido, está voltada ao ser, sendo o escritor e o leitor, já que ao abordar a função em relação à literatura, têm-se a: “ (1) [...] função da literatura como um todo; (2) [...] função de uma determinada obra; (3) [...] função do autor, – tudo referido aos receptores” (CANDIDO, 1999, p. 81).

Assim, o estudo da função enfocaria nos aspectos internos da obra e na visão do autor, buscando também a contextualização que serviu de base para a sua produção. Candido (1999) mostra que o estudo da função da obra transpõe a limitação estrutural, pois nessa esfera encontra-se também o leitor, e é preciso observar as intenções da obra para com seu público. No referido ensaio a literatura é afirmada como força humanizadora, diferenciando-se da sistematização proposta pelo estruturalismo, “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1999, p. 82).

Segundo o crítico, as funções que a literatura pode assumir em relação à formação do homem concentram-se em três: psicológica, formadora e social. Ao analisar como se relaciona a função psicológica com a fantasia e a imaginação, o autor afirma que é uma característica própria do ser humano precisar deles, já o ato sonhar e fantasiar é uma faculdade elementar do homem. Candido (1999) afirma que esse é o primeiro aspecto a se considerar ao se pensar na função humanizadora da literatura:

A produção e fruição desta [função psicológica] se baseiam numa espécie de necessidade universal de ficção e de fantasia, que de certo é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares. E isto ocorre no primitivo e no civilizado, na criança e no adulto, no instruído e no analfabeto. A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a

anedota, a adivinha, o trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. (CANDIDO, 1999, p. 82-83).

Tais narrativas foram adquirindo, segundo Candido (1999), complexidade e meios mais rápidos de disseminação que tentam sobrepujar essas necessidades elementares do ser humano. Verifica-se, então, que há sempre uma necessidade da ficção na vida do indivíduo, em que a fantasia está sempre vinculada à realidade, constatando a função psicológica da literatura (CANDIDO, 1999).

A função formadora é posta em discussão por Candido (1999) através do seguinte questionamento: “a literatura tem a função formativa do tipo educacional?”. O autor afirma que a função educativa da literatura é mais complexa do que a visão pedagógica:

A própria ação que exerce nas camadas profundas afasta a noção convencional de uma atividade delimitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes. A literatura pode *formar*, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 1999, p. 84).

O crítico afirma que a literatura tem caráter educativo, assim como a escola e a família, porém, parte da própria vida, com “os altos e baixos”, fugindo da imposição de normas. Uma abordagem de determinada obra influi em novos olhares sobre tal aspecto da realidade, atingindo os interesses de diferentes personalidades e classes sociais.

A literatura põe os educadores em situação de ambivalência, pois por um lado há um fascínio pela sua “força humanizadora”, e por outro, há receio das inúmeras informações que ela proporciona e da falta de controle sobre as obras por parte deles. Impotentes para “controlar” as possibilidades da literatura acabaram assumindo posturas tradicionalistas, como “expulsá-la como fonte de perversão e subversão, ou tentar acomodá-la na bitola ideológica dos catecismos” (CANDIDO, 1999, p. 84).

Diante de tais concepções acerca da função formadora da literatura, Candido (1999) conclui que mesmo com essas objeções, a literatura “não corrompe” nem “edifica”, ela humaniza o homem de forma plena. Assim, “Dado que a literatura, como a vida, ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como manuais de virtude e de boa conduta” (CANDIDO, 1999, p. 84).

A terceira função abordada é a social, em que o autor afirma ser a mais problemática por se tratar da abordagem de uma representação da realidade social. Como exemplo, Candido (1999) cita as obras do regionalismo brasileiro, como realidade documentária, por ter representatividade quanto a busca da identidade nacional e distanciamento da influência europeia.

O regionalismo brasileiro foi “ao mesmo tempo documentário e idealizador, forneceu elementos para a auto identificação do homem brasileiro e também para uma série de projeções ideais” (CANDIDO, 1999, p. 86). Porém, a imagem constituída representa uma dualidade na função social, pois é ao mesmo tempo humanizadora e alienadora. Candido (1999) exemplifica com as características das obras de dois autores: Coelho Neto e Simões Lopes Neto. O primeiro tratou de uma dualidade estilística, em que a norma culta predomina no discurso indireto e a coloquial, com os aspectos fônicos da linguagem típica da sua região no discurso direto, transformando o personagem da narrativa em um ser exótico.

O segundo constrói na sua narrativa uma identificação com a cultura rústica, em que “[...] atenua ao máximo o hiato entre criador e criatura, dissolvendo de certo modo o homem culto no homem rústico. Este deixa de ser um ente separado e estranho, que o homem culto contempla, para tornar-se um homem realmente humano, cujo contato humaniza o leitor” (CANDIDO, 1999, p. 88).

Segundo o autor, a função social é cumprida pela ficção regionalista brasileira, que apresenta uma fonte de conhecimento e permite a identificação de uma forma específica de expressão. Candido conclui o ensaio situando o leitor em relação à obra literária:

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência

humana mais profunda que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (CANDIDO, 1999, p. 89-90).

O ensaio “O direito à literatura” propõe uma reflexão sobre os direitos humanos e a literatura, argumentando no sentido que a literatura faz parte do conjunto de direitos do cidadão. Candido (2004) inicia o texto afirmando que a sociedade atual evoluiu muito em comparação às civilizações antigas, e que tal amadurecimento deveria resolver as questões sociais, porém isso não é que se verifica. O autor observa que, paradoxalmente, quanto mais evoluímos, mais a desigualdade social cresce, ferindo assim os direitos humanos.

Ao citar os direitos humanos, o autor discute a questão como problema, pois não há o respeito desses direitos, tanto de um ponto de vista individual como social. O individual começa quando não se reconhece “[...] que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. [...] é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado” (CANDIDO, 2004, p. 174). Já o social, “[...] é preciso haver leis específicas garantindo este modo de ver” (CANDIDO, 2004, p. 175).

No detalhamento dos direitos humanos que são considerados primordiais ao ser humano, Antonio Candido considera a literatura e a arte como direitos fundamentais para o desenvolvimento do ser humano. O autor utiliza a distinção estabelecida pelo sociólogo francês Louis-Joseph Lebret entre “bens compressíveis” (aqueles que são necessários, mas não imprescindíveis ao ser humano) e “bens não incompressíveis” (aqueles que, além de necessários, são imprescindíveis ao homem), e coloca a literatura entre incompressíveis. De acordo com o pensador brasileiro, “são incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o Direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura” (CANDIDO, 2004, p. 176).

Voltando o enfoque para a literatura, Candido a denomina como tudo aquilo que é poético, dramático, cultural e ficcional nos diferentes níveis da sociedade. Afirma também que a literatura é necessária pela sua função humanizadora, o que nos reporta para o ensaio abordado anteriormente, em que a literatura é vista como fator psicológico, formador e social na vida do

homem. O autor define a humanização como:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p. 182).

A humanização é indispensável para o ser humano, por isso tem grande importância se comparada às instituições família e escola. No âmbito escolar, como foi discutido anteriormente, há impasses no uso das obras literárias pelos educadores, já que podem influenciar de forma positiva ou negativa, como afirma Candido (2004):

[...] em nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 2004, p. 177).

A literatura é defendida por Antonio Candido como uma necessidade universal, e por ter sido durante anos uma forma de denúncia da opressão social, torna-se um direito humano. Não deve pertencer somente à minoria o direito à literatura, mas abranger diferentes níveis culturais e sociais.

A literatura na escola: apontamentos sobre uma proposta curricular

Em seus estudos Antonio Candido assinala novas perspectivas sobre o pensar literatura, focando no âmbito escolar, por mais que discretamente, o crítico tem muitas contribuições e para o ensino de literatura para a educação básica.

Ao refletirmos sobre o trabalho realizado com a literatura nas escolas, de uma forma geral, é preciso repensar sua utilização e buscar adequações para

uma aprendizagem efetiva do indivíduo. Desde o planejamento com os objetivos, metodologia e material (obras literárias) até a prática em sala, o professor com os alunos.

A escola como um ambiente em que todos os educandos devem ter contato com a literatura, acaba por deixar desorientada essa comunicação. Sabe-se que inúmeros fatores contribuem para isso, desde a falta de infraestrutura dos espaços, precariedade do material escolar, falta de professores e/ou professores sem formação adequada, até a influência da estrutura familiar do aluno. Mas o caso a ser discutido aqui é o uso inadequado da literatura em sala de aula, partindo do trabalho com os aspectos estruturais e o descarte da função humanizadora.

Na maioria de seus estudos Antonio Candido parte da obra literária para a questão a ser discutida, ou durante o decorrer do texto apresenta várias obras. As questões levantadas por ele levam o leitor a refletir junto, além de ampliar outras possíveis reflexões. São as estratégias do próprio Candido que poderiam ser utilizadas em sala de aula com o texto literário. Em sua obra *Na sala de aula: caderno de análise literária* (1989), são apresentadas dicas para trabalhar adequadamente o texto literário em sala (no prefácio), onde ele comenta que todo o estudo deve partir do próprio texto literário:

[...] sugerir ao professor e ao estudante maneiras possíveis de trabalhar o texto, partindo da noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base em pressupostos teóricos comuns. Um destes pressupostos é que os significados são complexos e oscilantes. Outro, que o texto é uma espécie de fórmula, onde o autor combina consciente e inconscientemente elementos de vários tipos. Por isso, na medida em que se estruturam, isto é, são reelaborados numa síntese própria, estes elementos só podem ser considerados externos ou internos por facilidade de expressão. Consequentemente, o analista deve utilizar sem preconceitos os dados de que dispõe e forem úteis, a fim de verificar como (para usar palavras antigas) a matéria se torna forma e o significado nasce dos rumos que esta lhe imprimir (CANDIDO, 1989, p. 5).

O autor afirma que o trabalho com o texto literário fica mais claro devido às expressões usadas pelos alunos e o debate em si. Aborda também que quando a análise de um texto é realizada em conjunto com a leitura do mesmo, há uma facilidade maior de compreensão, pois “a multiplicação das leituras

suscita intuições, que são o combustível neste ofício” (CANDIDO, 1989, p. 6).

Além da obra literária em si, outra ferramenta utilizada é o livro didático. Marcelo Frizon Gaudagnin (2007) afirma que os estudos de Candido aparecem nos livros didáticos, às vezes, a própria citação, mas sem uma efetiva estrutura do tema, prejudicando a compreensão do educando. O pesquisador aborda, por exemplo, o estudo mal realizado do regionalismo, em que “o estudo escolar analisa o caso de várias maneiras, de acordo com o livro didático utilizado, ou com a metodologia da escola, ou ainda de acordo com o que é solicitado pelos vestibulares” (GUADAGNIN, 2007, p. 13). Como exemplo, ele apresenta que Guimarães Rosa não é bem compreendido em relação aos seus antecessores porque não há um estudo dos estudos regionais românticos e da década de 1930, dificultando diferenciar as características das obras.

Gaudagnin (2007) afirma que “os textos e as ideias de Candido são mal aproveitadas” (p. 13). Outra falha que ocorre é o estudo apenas dos aspectos externos da obra, deixando de abordar os internos, considerando haja vista que assim o aluno não terá contato efetivo com a narrativa literária, tornando-a desinteressante. Conseqüentemente, o uso inadequado do texto literário em sala de aula afasta os alunos da leitura prazerosa, distorcendo a função formadora e social da literatura na vida do indivíduo.

O estudo dos aspectos externos deve estar aliado aos elementos internos, para que a leitura do texto literário ganhe significado. Todorov (2009) afirma que:

Sem qualquer surpresa, os alunos do ensino médio aprendem o dogma segundo o qual a literatura não tem relação com o restante do mundo, estudando apenas as relações dos elementos da obra entre si. O que, não se duvida, contribui para o desinteresse crescente que esses alunos demonstram [...]. Por que estudar literatura se ela não é senão a ilustração dos meios necessários à sua análise? (TODOROV, 2009, p. 39).

Observa-se que o desinteresse pela literatura na sala de aula não é culpa só da atualidade e toda a tecnologia já existente, pois há décadas atrás o estudo da estrutura já começara a despertar esse sentimento.

Partindo para a exposição da proposta curricular, é preciso salientar que somente os objetivos e a proposta apresentada ao professor serão

considerados. No ano de 2008, a Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC) elaborou um instrumento norteador para o professor do ensino médio que são as matrizes curriculares. Com o intuito de repensar o ensino, foram elaboradas orientações didáticas, que especificam conteúdos para melhorar a organização da proposta curricular das séries do ensino médio.

Nas orientações didáticas, na seção “produzindo exercícios e avaliando” é o único momento em que os textos literários são citados, atividades que se baseiam em textos literários, mas com outras finalidades, por exemplo: leitura de poesia para inspiração de coreografia e produção de cordéis. A única proposta didática que atende à intenção da literatura humanizadora é a “compreensão do texto através do contexto”, em que a leitura e compreensão do poema a ser estudado deve envolver imaginação e aspectos da realidade da vida do aluno, contextualizando a ficção na realidade.

Em relação às propostas curriculares, as competências que esperam ser atingidas pelos alunos focam no ensino de língua, somente uma competência atribui valor à literatura: “estabelecer relações entre a leitura e a interpretação de produções literárias e a compreensão dos problemas e das transformações sociais nos diferentes momentos históricos (SEDUC, 2009, p. 7). Observa-se que, ainda que superficialmente, na proposta de estudo da obra existe a ligação entre os aspectos internos e externos.

Quanto ao “detalhamento do conteúdo” nas três séries do ensino médio, o tópico “estudos literários” só aparece uma vez por bimestre. O detalhamento segue com o estudo da linguagem literária no primeiro ano e as escolas literárias divididas para o segundo e terceiro anos. A exemplo, um detalhamento de conteúdo do terceiro ano:

- Identificação do contexto-histórico-político-cultural nos gêneros literários, percebendo semelhanças ou diferenças decorrentes do momento histórico de produção (conto, obra teatral, poesia, novela, etc.);
- Estabelecimento de relações temáticas entre gêneros literários de diferentes épocas, percebendo concepções de mundo e de sujeitos decorrentes de sua historicidade;
- Percepção do leitor como coautor de gênero literário;
- Reconhecimento no texto de marcas decorrentes de épocas em que foi produzido, como a comparação entre a poesia do século XIX com a do século XX [...] (SEDUC, 2009, p. 29).

Em todos os bimestres a descrição dos conteúdos é a mesma. Podemos perceber que a proposta tenta abordar o estudo da literatura dentro da contextualização histórica, como também da caracterização da obra, buscando comparar com outros períodos de produção literária e a relação do autor com o leitor. Dessa forma, alguns pontos que Antonio Candido cita nos ensaios estariam a ser trabalhados, todavia, para que isso aconteça é necessário que haja preparação do professor para planejar e mediar esse contato do aluno com texto; certo nível de conhecimento do aluno para que construa a imagem discursiva do texto literário; além de material e ambiente adequados para a realização da atividade. São esses os requisitos mínimos para que a literatura cumpra seu papel formador/humanizador no pelo âmbito escolar.

Conclusão

Os apontamentos apresentados por Antonio Candido nos dois ensaios são pertinentes ao caráter humanizador da literatura. Contrapondo os limites da estrutura da obra literária, o crítico constata que o homem pode ser humanizado e adquirir conhecimento através da leitura literária, sendo o acesso à obra literária um direito a ser garantido.

Assim, novos horizontes podem ser traçados acerca da literatura na percepção de Candido, o poder que ela possui em transformar o homem, tanto individual como socialmente. Os registros do crítico são ferramentas para o melhor desenvolvimento do estudo da literatura em sala de aula, para o trabalho com os aspectos internos da obra literária, além de guiar o ser humano na busca pela identidade e na construção do seu pensamento crítico.

Com a apresentação da proposta curricular (SEDUC) escolhida para exemplo, conclui-se que há, por meio do sistema educacional, uma tentativa de aproximação do indivíduo em formação com a literatura, porém, a complexa aplicação “da teoria à prática” acaba que perdendo essa conexão por diversos fatores negativos.

Portanto, a proposta de Antonio Candido é pertinente ao estudo da literatura na educação básica tanto quanto no ensino superior, constatando que ela é uma necessidade universal do homem, e que auxilia na visão que se tem do mundo e na organização dos sentimentos, por isso a literatura humaniza.

NOTAS

* Manoel Freire é doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, professor de literatura brasileira vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras da mesma Universidade. E-mail: manoelfrr@gmail.com

** Adelannia Dantas é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: adelannia14@hotmail.com

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males** – Antonio Candido. IEL/Revista do Departamento de Teoria Literária da UNICAMP, p. 81-89, 1999.

_____. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

GAUDAGNIN, Marcelo Frizon. **O regionalismo na literatura brasileira: o diagnóstico de Antonio Candido**. 2007. 127 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SEDUC. **Metodologias de apoio**: matrizes curriculares para o ensino médio. Fortaleza: SEDUC, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Recebido em: março de 2017.

Aprovado em: maio de 2017.